



SENADO EM CRISE

Num discurso emocionado, o senador admite ter visto a lista com os votos referentes à cassação de Luiz Estevão. A estratégia, traçada com ajuda de advogados, é uma tentativa para evitar a perda do mandato

Arruda confessa violação do painel

Denise Rothenburg
Da equipe do *Correio*

“**H**oje farei o discurso da minha vida, um marco entre a ação normal dos políticos e o que deve fazer quem tem filhos a preservar”. A frase foi dita pelo senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) a um amigo, pouco antes de se dirigir ao Senado para contar que vira a lista com os votos de cada senador na cassação do mandato de Luiz Estevão (PMDB-DF). Além dos advogados, da mulher, Mariane, dos filhos Fernando e Bruna e dos assessores mais próximos, só um político foi informado do inteiro teor de seu pronunciamento: o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, amigo há 20 anos, que esteve com ele ontem pela manhã, numa casa no Lago Sul (veja matéria abaixo).

A expectativa inicial era a de que Arruda renunciaria ao mandato, conquistado em 1994. Mas não. Ao confessar aos senadores que lera a listagem com os votos de cada um no dia 28 de junho de 2000, o ex-líder do governo tomou o cuidado de se referir ao episódio como “falha”, “deslize”. Para alguns senadores, uma forma de tentar refluir o clima de cassação para uma punição mais branda, como suspensão do mandato ou advertência. Deixou o Senado dividido e preparou terreno para o depoimento que prestará no Conselho de Ética, quinta-feira.

O discurso começou a ser redigido no sábado. Arruda recusou computadores. Fez questão de levar um texto de próprio punho — uma simbologia de que a confissão foi feita num momento de forte emoção. No domingo, na casa de um amigo, no Lago Sul, estudou as 36 páginas com os advogados, que aconselharam substituir algumas palavras. Leu tudo em voz alta duas vezes. Talvez, por isso, logo no início do pronunciamento, tenha feito questão de marcar o tipo de acusação pesava contra ele: “De que sou acusado? De roubar? De corrupção? De enriquecer ilícitamente? Não. A acusação é de ter consultado a diretora do Prodasen (Serviço de Processamento de Dados do Senado Federal), dra. Regina Borges, a pedido do senador Antonio Carlos (Magalhães, PFL-BA) sobre a possibilidade de se conhecer a lista de votação da sessão que cassou o senador Luiz Estevão (PMDB-DF)”.

APENAS UMA CONSULTA

O próprio Arruda alertou que sua declaração era diferente da que prestara a ex-diretora do Prodasen. Ela dissera que, na noite do dia 27 de junho, véspera da cassação, recebera uma ordem de Arruda, a pedido de Antonio Carlos, para abrir os votos. Arruda diz que foi apenas uma consulta antes do dia 27, e que, depois, não houve novos contatos entre eles para definir o que fazer. Segundo Arruda, no dia 28, Regina apenas lhe avisou que já estava com a lista. “Não pedi e nem determinei. Apenas consultei”, disse ele.

O senador tratou de preservar seu assessor Domingos Lamo-

glia. Disse que ele lhe entregou o envelope sem saber do conteúdo. “Eu li. Não tirei cópia. Fui ao gabinete do presidente Antonio Carlos. Ele olhou com atenção, conferiu voto a voto e, juntos, fizemos alguns comentários. Estávamos sozinhos na sala. Ainda na minha presença, ele pediu que ligassem para a dra. Regina e, de fato, agradeceu a ela. A lista ficou com ele”, disse Arruda, numa versão que deixa o senador baiano na posição de quem sabia da lista e nada fez.

Enquanto Arruda falava, o plenário mantinha silêncio absoluto. Ninguém se lembra de uma sessão em que os senadores tenham ficado tão boquiabertos. Especialmente, porque, na terça-feira passada, Arruda fizera um primeiro pronunciamento negando tudo e ontem acusou Antonio Carlos de conhecer a lista. “Quero poder dormir tranquilo, olhar as pessoas nos olhos, especialmente, os meus filhos”, disse.

Os filhos foram consultados no domingo. Pediram ao pai que dissesse a verdade. Arruda disse a eles que chegara ao seu limite, assim como Regina e os demais

funcionários. O limite de Arruda foi o depoimento de Regina, recheado de detalhes, e o isolamento político a que foi submetido. E quer se preservar, pelo menos perante aos eleitores, que, aliás, acreditam que Regina falou a verdade. Uma pesquisa do instituto So-

“PEÇO DESCULPAS AO GOVERNO, SEMPRE SERVI COM LEALDADE, ATÉ EM SITUAÇÕES DE NATUREZA MUITO MAIS GRAVES QUE ESTA”

JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PSDB-DF)

ma em Brasília mostra que cerca de 80% dos brasileiros acreditaram na ex-diretora do Prodasen e apenas 18% na palavra dos senadores. Arruda, agora, quer reverter isso.

ASSIM COMO PEDRO

Aos senadores, Arruda deu a seguinte explicação para a versão anterior: “Traídos pelas nossas fraquezas e curiosidade, vaidade, orgulho, ou tudo isso, estávamos unidos no mesmo equívoco e ninguém via outro caminho a não ser a negação”. Recorreu à Bíblia: “São Pedro negou Cristo por três vezes”. Desculpou-se por nove vezes. Chorou ao se referir aos seus eleitores e às crianças que assistiam o pronunciamento das galerias do Senado. Mas não soltou uma lágrima ao desculpar-se aos colegas do governo, “ao qual sempre servi com lealdade, até em situações de natureza muito mais grave do que esta”, disse, num sonoro alerta àqueles que defenderam a sua cassação e expulsão do PSDB.

O fato de ser expulso do PSDB é o de menos. Arruda afirmou que o mais importante “é restaurar a sua dignidade, recomeçar”. Mas, é mais do que isso. É preservar seu espaço político no Distrito Federal e seu mandato. Talvez por isso, dizem alguns senadores, ele tenha dito que, no dia da eleição do presidente do Senado, em fevereiro, um fotógrafo com uma teleobjetiva registrava os votos do bloco da oposição, que deveriam ser secretos. Talvez, por isso, tenha defendido o voto aberto em todas as ocasiões. Arruda confessou que “falhou, foi ingênuo, infantil”. Em nenhum momento falou em crime. Se isso será suficiente para salvá-lo, só o tempo vai dizer.

Jefferson Rudy



ARRUDA: “EU LI (A LISTA). NÃO TIREI CÓPIA. FUI AO GABINETE DO PRESIDENTE ANTONIO CARLOS. ELE OLHOU COM ATENÇÃO, CONFERIU VOTO A VOTO”